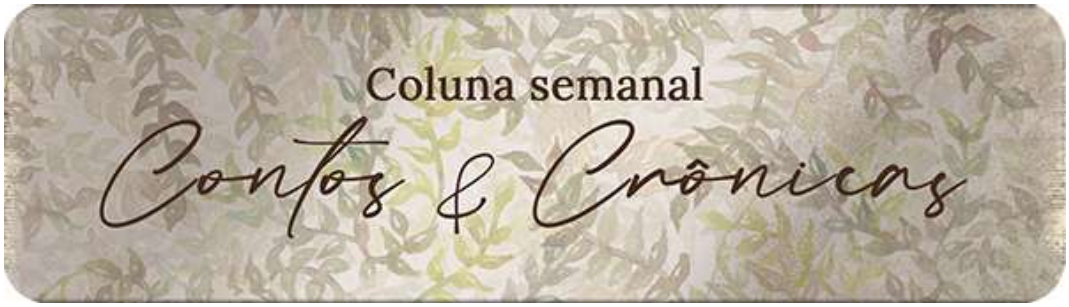
View this email in your browser



Se os jornais hoje já não dispõem de muito espaço para críticas literárias e se o volume de publicações ultrapassa o espaço oferecido, podemos nos lembrar, pelo menos com tons saudosos, de outros tempos em que uma obra logo após ser publicada recebia nos jornais críticas por vezes ácidas, por vezes gentis, à depender do gosto do crítico-leitor, mas sempre comentada.
O texto dessa semana é uma crítica feita por J. dos Santos ao livro Memórias de Martha*, escrito por Julia Lopes de Almeida, por ocasião de sua publicação. Como era comum na época, a crítica, com ares de resumo, inclui inúmeros* spoilers.

J. dos Santos

Memórias de Martha

Às *Memórias de Martha*, que acaba de publicar, Julia Lopes de Almeida não chamou de “romance”, chamou de “narrativa”. A começar de que ponto uma narrativa é romance, novela ou conto? Parece muito difícil determinar. Em todo o caso, fazendo essa distinção, o que a escritora nos quis dizer foi que não acharíamos ali nem peripécias complicadas, nem sutilezas psicológicas de análise. Realmente essa narrativa é da máxima simplicidade.

Subscribe | Past Issues | Translate

estalagem paupérrima, morando em companhia da mãe. Tinham possuído, senão riqueza, ao menos o conforto e o bem estar. Um dia, porém, o pai, que era caixeiro viajante de uma casa comercial, foi roubado em alguns contos de reis. Como o roubo fosse difícil de provar, os patrões suspeitaram de ter ele próprio desviado o dinheiro. Ia ser preso, quando, para evitar essa desonra, resolveu envenenar-se. Datava de então a pobreza da família.

Quando Martha achou-se na idade de frequentar a escola pública mais vizinha, começou a fazê-lo. Ali revelou-se aplicada e inteligente. Ganhou facilmente a amizade da professora, que a auxiliou e protegeu. Mais tarde, foi nomeada adjunta. Passou a normalista, chegou enfim a professora.

Era feia, e porque tinha consciência disso, mostrava-se também acanhada e tímida. Não teve aventuras de amor. Apenas uma vez seguiu-a um rapaz, mas ou porque ela se enganasse, julgando que era por sua causa, quando ele vinha por causa de sua companheira, ou porque, vendo-a entrar em uma estalagem, se tivesse arrependido, o certo é que não voltou. Tempos depois, foi um namoro de alguns dias. Mais nada.

Quando afinal, tendo entrado em concurso e conquistado uma cadeira, poderia talvez aspirar a alguma coisa, um velho solicitador, vizinho e freguês de sua mãe, pediu-a em casamento.

Ela pensou em recusar. Mas recusar por quê? Acharia melhor, sendo como era, pobre e tímida e feia? A velha mãe pouco poderia durar. Ia ficar, portanto, desamparada e só. Aceitou.

É justamente ali que acaba a narrativa. Todo o seu encanto está em contar-nos a história de uma vida simples, modesta, apagada. História que é a de tantas moças pobres e honestas, vivendo laboriosa e obscuramente até acabarem por um desses casamentos de conveniência, que se fazem sem amor, mas também sem interesse, à falta de melhor.

Esse entrecho simplíssimo é realçado com alguns episódios da vida das estalagens e escolas, em que Martha passou. O perfil de sua mãe é uma figura delicada. Com extremos de dedicação, apesar de sua grande debilidade física, conseguiu galvanizar o seu pobre organismo e trabalhou, trabalhou, trabalhou heroicamente até que pôde ver a filha com futuro assegurado. Só essa obsessão de amor maternal conseguia fazê-la viver e suportar as privações por que passou. Assim, poucos dias depois do casamento da filha, sua triste e trabalhadora vida, já então sem motivos que a impedissem de extinguir-se, apagou-se docemente....

A história é, pois, como talvez possam fazer ideia pelo meu mal alinhavado resumo, simples e comovedora.

Crítica publicada na coluna Crônica Literária do jornal A Notícia *em 1899.*